

Migração haitiana em Manaus e seus desdobramentos geracionais¹

Sílvia Katherine Pacheco Teixeira – PPGAS/UFAM²

Palavras-chave: migração haitiana; gerações; famílias migrantes.

Introdução

Esse texto tem como fio condutor a seguinte questão: como o processo migratório tem repercutido na trajetória de vida de algumas crianças haitianas dez anos depois da chegada delas em Manaus? Essa questão, por sua vez, vem sendo elaborada desde o trabalho de campo que eu realizei durante a minha pesquisa de mestrado no ano de 2019, na cidade, mais especificamente na Escola Municipal Prof. Waldir Garcia; uma escola que, a partir de 2013, passou a receber crianças haitianas em seu corpo discente, principalmente entre o primeiro e o quinto ano escolar.

Foi a partir dessa experiência etnográfica que eu desenvolvi a minha percepção e entendimento sobre a riqueza antropológica que aquele campo me propiciava. Ademais, foi depois disso que eu pude me aproximar mais da família Antoine, principalmente através da Gloriane e de seus filhos que foram alunos da Waldir Garcia entre os anos de 2013 a 2015.

Os Antoinés, de fato, se tornariam não apenas alguns dos meus principais interlocutores em uma pesquisa sobre migração e geração, mas também aqueles que, desde então, têm sutilmente me ensinado quais modos de sociabilidade, histórias, trajetória de vida e outros fenômenos que podemos expressar em termos de categorias de entendimento e conceitos antropológicos. Tudo isso não se mostra apenas como sucessão metódica e estruturada de eventos ou reconstituição cronológica de fatos, mas sim como encontro reiterado entre aquilo que fomos, aquilo que somos e aquilo que seremos.

É através desses encontros, de seus relatos etnográficos e dessas contínuas atualizações de passados, presentes e futuros na forma de vivências que eu tenho aprendido a pensar a migração haitiana em Manaus e seus desdobramentos geracionais.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Agradecimentos ao apoio financeiro da FAPEAM/POSGRAD 2023-2024 com as passagens e diárias. Contato: skpaacheco@gmail.com

Nesse sentido e no estágio atual de minha pesquisa, uma personagem relevante na composição dos relatos etnográficos tem sido o filho mais velho de Gloriane Antoine, Wisdonnky, também chamado de Donn. Em determinado momento da pesquisa ele mostrou interesse em falar sobre a infância que ele teve ou que, nas palavras dele, “não teve”.

Donn chegou em Manaus com nove anos, no ano de 2013, acompanhado dos primos Goa, Dayf e God, além de sua mãe e de seu tio. Todos eles moraram juntos no início de tudo. Eles chegaram a morar com onze pessoas na mesma casa, sete adultos, quatro crianças. E, junto com seus primos, estiveram entre as cinco primeiras crianças a estudarem na escola Waldir Garcia; número que cresceu exponencialmente até 2019, o ano em estive lá. Eram mais que cinquenta crianças migrantes, onde a maioria ainda era haitiana.

O que tenho tentado entender agora é o que esses jovens, como Wisdonnky, tem feito nessa primeira década neste país. O mercado de trabalho é sem dúvida um objetivo muito comum entre os jovens haitianos e, para Donn, não foi diferente. Ele cresceu trabalhando com os pais vendendo comidas e quitutes na rua. Depois ele conseguiu seu primeiro emprego como vigilante de portaria em um condomínio na Zona Norte de Manaus, em 2020, emprego que veio por uma indicação de uma pessoa da escola Waldir Garcia.

O trecho a seguir é parte da trajetória de vida do Donn, contada por ele mesmo durante uma pesquisa de campo.

Minha avó veio para cá com idade, então ela já tinha construído uma vida lá e de repente ela precisou abandonar tudo que ela tinha para sair de lá e recomeçar do zero. Sem nenhuma perspectiva, sem esperança, sem saber muito o que fazer. Para mim já é diferente, porque eu vendo tudo isso, eu tenho a possibilidade de aprender com tudo que ela vem fazendo. Até porque ela se esforçou bastante para construir tudo que construiu aqui do zero. (trecho de uma entrevista com Donn em 2023).

Antes dele, veio a sua avó, dona Jacqueline Antoine. Ela chegou sozinha em 2010, quando já passava dos 50 anos de vida. Ela morou três meses em Tabatinga no interior do Amazonas e depois veio para a capital, Manaus. Um ano após sua chegada, dona Jacqueline chamou a filha Gloriane para vir ao Brasil. Gloriane tinha à época 30 anos. Quando Gloriane saiu do Haiti, ela havia deixado sob o cuidado do então marido seus três filhos, Donn, o sobrinho e a sua irmã que é a mãe de Donn.

Dona Jacqueline e Gloriane trabalhavam em Manaus como diaristas, dia após dia juntavam o dinheiro que ganhavam trabalhando para buscar a família que ainda estava no Haiti. Em 2013 as quatro crianças chegaram em Manaus, com o pai e a irmã de Gloriane. A família estava reunida novamente. Esse processo de reunificação familiar aconteceu com várias famílias haitianas ao longo de uma década. Em minha pesquisa de mestrado, mergulhamos na história da família Antoine para entender melhor o processo de vida de várias famílias haitianas que vieram para Manaus em condição semelhante.

Naquela época, meados de 2013, tudo ainda era bem difícil para a família Antoine, com oito pessoas e apenas duas trabalhando. Por isso era o momento de empreender, começar a trabalhar em outras coisas. Foi então que Gloriane começou a fazer as rosquinhas haitianas para o marido vender na rua. A receita das rosquinhas ela trouxe do Haiti, era um tipo de pão doce frito em formato de rosca que eles faziam com trigo, óleo e açúcar. Quando Gloriane não estava fazendo faxina, ela também ia para a rua vender as rosquinhas. Nesse processo de sair para vender, os filhos dela também a acompanhavam, pois eram pequenos e não poderiam ficar sozinhos no lugar onde moravam, à época.

Foi nesse momento e, partindo de uma perspectiva antropológica, que o problema já enunciado acima passou a ganhar uma formulação mais elaborada, a saber: como o processo migratório tem repercutido na trajetória de vida de algumas crianças haitianas dez anos depois? Em muitos casos, falamos de famílias que vieram para Manaus separadas, e que aos poucos foram trazendo e reagregando seus membros, cônjuges e filhos que foram se reunindo ao longo de mais de dez anos, desde a imigração iniciada em 2010. Essas famílias fizeram da cidade de Manaus o seu novo lar.

Durante a coleta de dados em campo, entre os anos de 2020 e 2024, os caminhos da pesquisa foram se mostrando a partir dos próprios interlocutores desta pesquisa. Reunimos relatos orais, entrevistas e experiências que nos possibilitaram etnografar, investigar e desvendar os modos de vida dos sujeitos dessa pesquisa. Trabalhamos com algumas das principais noções, conceitos, categorias, problemas, temas, pressupostos e questões concernentes aos fenômenos migratórios, valendo-nos principalmente da etnografia a partir da história oral.

(...) entende-se por História oral uma abordagem metodológica em que há envolvimento do pesquisador com o objeto de estudo, procurando

desvendá-lo a partir dos relatos orais dos sujeitos envolvidos, em complementariedade com o uso de outras fontes escritas, iconográficas, etc. (DEMARTINI, 2005, p. 91).

Pensando em como reflexionar esse fenômeno migratório e seus atravessamentos, foi necessário caminhar histórica e metodologicamente pelo Haiti e pela revisão de algumas literaturas já existentes sobre a migração haitiana. (Handerson Joseph, Kabenguele Munanga, Lilia Schwarcz, entre outras). Pois, diante do fato de serem imigrantes negros vindos do Haiti, um dos países mais pobres das Américas, a xenofobia³, o racismo⁴ e os estigmas⁵ são também, dimensões dessa migração.

Com a revisão dessas literaturas visamos evidenciar a importância e os limites de alguns modos de entender e classificar os fenômenos migratórios acima citados, bem como propor outros modos de entendimento e classificação, em consonância ou em contraponto com aqueles já existentes. Como nos explica a pesquisadora Zélia Demartini (2005, p. 89) “certamente, conhecer a trajetória de um grupo de imigrantes é importante, mas o mergulho em um contexto delimitado pode permitir que se compreenda melhor sua complexidade.”

Atualmente a situação estrutural do Haiti coloca a maior parte de sua gente em condições de vulnerabilidades sociais e políticas. Historicamente, o Haiti está submetido a dependências econômicas de outros países como os Estados Unidos. O Haiti possui um dos mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano⁶ nas Américas. E

³A aceitação das diferenças não é, portanto, um processo natural e sem conflitos. Estereótipos e preconceitos são construídos particularmente em situações de crise econômica, responsabilizando o migrante pelos problemas locais, entre eles, o da falta de trabalho e do aumento da violência. Outras formas de xenofobias ganham conotações raciais, estigmatizando grupos etnicamente diferenciados, isto porque, no caso brasileiro, ainda permanece no imaginário popular a ideia de que a imigração é coisa do passado e que, em geral, ela foi bem-sucedida, porque os imigrantes eram de origem europeia e, portanto, brancos. A presença dos haitianos recoloca a questão de como a sociedade brasileira lida com as relações raciais e os preconceitos de cor, uma herança nefasta de um período histórico ainda não totalmente superado. (SILVA, 2016, p. 199).

⁴ A meu ver, é um racismo escancarado, a ideia de que no Brasil o racismo é camuflado e sutil não passa de um mito, é mais uma crença do racismo à brasileira e o modo de sua operacionalização no mundo social. (JOSEPH, 2022, p. 11).

⁵estigma - a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena. Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: Construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. (GOFFMAN, 1988, p. 04; 08)

⁶Em 2021, o Haiti ocupava a 163ª posição no ranking mundial de IDH. Segundo o site *country economy*. Acessado em 15/02/2024 <https://pt.countryeconomy.com/demografia/idh/haiti>

essa é também uma dimensão da migração haitiana. Essa realidade de baixa expectativa de vida leva um número significativo de pessoas haitianas a emigrar do seu país em busca de melhores oportunidades. Através de trabalhos, como os de Rosana Baeninger, sabemos que:

O Haiti é um país caracterizado por histórica e estrutural situação de dependência econômica e vinculação periférica na divisão internacional do trabalho. As condições de vulnerabilidade no país têm produzido e reproduzido historicamente fatores de expulsão populacional. Essa tradição migrante tem se manifestado desde meados do século XIX, com processos migratórios para Cuba, República Dominicana, Bahamas, França e Estados Unidos e de refúgio para o Canadá. Desde 2010, essa tradição migrante tem encontrado também o Brasil, através de pelo menos 85 mil haitianos que tiveram no Brasil país de destino ou de trânsito de seus processos migratórios. (MAGALHÃES & BAENINGER, p.133).

A cidade de Manaus, situada no norte do Brasil, recebeu muitos desses haitianos que chegaram a partir do ano de 2010. No entanto, essa capital era tida apenas como uma rota de passagem para os haitianos, uma vez que eles tinham como objetivo migratório principal acessar os estados mais ao sudeste e sul. A preferência por essas cidades que são consideradas grandes centros urbanos como São Paulo e Porto Alegre se dava pela oferta de empregos e salários mais atraentes.

A chegada desses imigrantes na cidade, a partir de 2010, foi tomada, inicialmente, como algo que poderia ser passageiro, pois os grandes centros urbanos que eles mencionam e para onde pretendem ir, estão localizados há milhares de quilômetros de Manaus, ou seja, nas Regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Contudo, dos mais de oito mil haitianos que já passaram pela cidade, segundo estimativas da Pastoral do Migrante, cerca de dois mil continuam tentando se inserir nela, tanto laboral quanto socialmente. (SILVA, 2016, p. 183-184).

Na minha pesquisa notei que dentre os perfis que tentavam se inserir nesta cidade havia algumas mães migrantes, sobretudo as que tinham filhos menores em idade escolar, pela possibilidade de deixá-los em creches e escolas enquanto trabalhavam. As crianças maiores acompanhavam os pais na rua, mas estudavam em algum turno. Os estudos são muito importantes para as famílias haitianas. Ter os filhos matriculados em escolas de tempo integral facilitava o trabalho e a busca por melhores condições de vida nesta cidade. Na escola Waldir Garcia a maioria dos pais haitianos eram vendedores ambulantes, vendiam picolé, frutas e verduras e itens de vestuário pelas ruas do centro.

Para os pais imigrantes as oportunidades de inserção social são outras, principalmente ligadas ao eixo do trabalho como modo privilegiado de sociabilidade. Essas possibilidades de trabalho são muitas vezes escassas e precarizadas, onde eles precisam passar horas no sol vendendo alimentos na rua. Por outro lado, a escola é para as crianças e os jovens imigrantes o meio pelo qual eles vão acessar a nova sociedade. Na concepção de seus pais imigrantes, é a partir da escola que os filhos acessam e apreendem uma nova cultura, sendo essa a oportunidade de se inserirem na nova sociedade pelas vias da educação.

No entanto, é importante destacar também que o espaço escolar por mais oportuno que seja para esses jovens imigrantes, não deixa de ser um espaço arbitrário que a depender da instituição, poderá fomentar discursos de ódio contra a pessoa imigrante, xenofobia, racismo e exclusão social nas suas atividades, tornando este ambiente escolar, um ambiente inseguro e antidemocrático nos moldes escolares. Bourdieu, ao analisar a escola a partir da sociedade francesa conclui que:

a escola é a ocasião de descobrir e viver o fato de fazer parte com plenos direitos da sociedade francesa (e também, de maneira mais ou menos explícita, da cultura democrática, geradora de aspirações universalistas, tais como a recusa ao racismo) e sua plena exclusão de fato, confirmada pelos veredictos escolares. (Bourdieu, 2008, p. 221).

Tal como nessa sociedade francesa apresentada por Bourdieu, podemos afirmar que essa “exclusão” também ocorre em nossa sociedade. Os jovens imigrantes, uma vez inseridos na escola, encontram-se em muitos aspectos excluídos de fato da socialização escolar, seja por conta da língua, da cultura, da raça, de vários fatores excludentes, todos estruturalmente derivados de processos de distinção social.

Esse sofrimento social experimentado pelos jovens imigrantes na escola, segundo Bourdieu, é também experimentado por seus pais nos ambientes de socialização. Os empregos precarizados e os subempregos tendem a dificultar a vida das pessoas imigrantes aos bens de consumo. E com os pais excluídos da economia formal na sociedade, conseqüentemente os filhos também estarão excluídos de meios de existência dignos, como educação e moradia de qualidade.

Quanto aos pais, que estão submetidos aos contragolpes de todos os choques e de todos os sofrimentos dos filhos, não têm o poder de oferecer-lhes meios de existência, nem razões de viver capazes de

arrancá-los a seu sentimento de estarem sobrando. (BOURDIEU, 2008, p. 221).

Como podemos notar, a proximidade da análise sociológica que Bourdieu faz a partir da sociedade francesa do século XX ainda reflete em grande medida, a nossa sociedade. Sentimentos de exclusão social refletem a exclusão vivenciada de fato e são responsáveis em grande medida por muitas mazelas sociais. Se pensarmos em quais lugares da cidade vão morar as pessoas imigrantes que vem em condições de migração forçada ou refúgio, veremos que essas pessoas vão ocupar espaços, muitas das vezes, deliberadamente negligenciados pelo poder público, lugares, como aponta Bourdieu, de exclusão social.

Nesses lugares negligenciados pelo poder público moram meus interlocutores, na Zona Leste de Manaus. As condições insalubres tornam a vida mais complicada, não há segurança pública, saneamento básico, escolas nem unidades de saúde próximas aos seus moradores. As moradias geralmente são aglomeradas e com pouca privacidade. A falta de perspectivas com empregos formais faz com que essas pessoas experimentem trabalhos também insalubres, onde eles precisam passar muitas horas na rua em trabalhos informais em que, muitas vezes, as crianças acompanham os pais, o que torna a infância um lugar distante de ser vivenciado por elas.

Meus interlocutores jovens relataram que, durante o tempo em que estiveram trabalhando na rua junto com os pais, eles experimentavam todo tipo de angústias que decorrem do sentimento de exclusão social, como o sentimento de não poder estar vivenciando a fase de acordo com a idade de sua faixa etária. Para exemplificar esse sentimento vivenciado por muitos deles, eu trouxe aqui a fala de Donn:

eu vim para cá com nove anos e aí tive que me adaptar a uma nova fase de vida e aí não teve uma infância. Não teve essa coisa toda de história de criança. Então, desde cedo eu tive que criar um modelo de pensamento. Ter que “pegar” uma maturidade que não era para eu ter naquela idade. Isso tem seus efeitos colaterais, porque eu não vivi coisas de criança, não tive isso. (trecho da entrevista com domg em 2023).

Hoje, Donn tem 20 anos. Em nossas conversas ele sempre demonstrou muita preocupação com o futuro, com a construção da sua casa e, com uma estabilidade financeira que não o forçasse mais a trabalhar na rua, em condições precárias. Na

pesquisa que tenho desenvolvido ele representa uma geração de migrantes haitianos que vieram ainda crianças para Manaus e cresceram aqui.

Neste ponto, perguntamo-nos qual a relação que essas gerações que crescem fora do Haiti mantêm com a cultura do Haiti e seu processo histórico. Para responder essa questão faremos uma digressão, a partir de agora, para entendermos a qual processo histórico nos referimos e como que esse processo histórico tem influência na vida dos haitianos em diáspora.

Processo Histórico do Haiti

O Haiti é um país situado na América central. Faz fronteira terrestre com a República Dominicana. Durante o século XVIII foi considerado a pérola das Antilhas por conta de sua produção de açúcar para a coroa francesa. Vale ressaltar que o Haiti foi a primeira república negra das Américas e que por isso, ao longo de sua história, sofreu e ainda sofre diversos embargos econômicos.

O Haiti é um país muito importante para as concepções de liberdade da população negra. Dentro de um contexto escravocrata e de dominação colonial, entre os séculos XVI e XIX, o Haiti foi a primeira nação negra a se tornar independente nas Américas⁷. A cultura de um povo é também uma forma de autoafirmação, onde quer que estejam as pessoas que fazem parte desse povo. E manter essa cultura viva depende também da memória dos seus ancestrais.

Nesse sentido, a memória é repassada através do ato de contar histórias. Esse ato de contação de memórias é importante para fortalecer esse contato dos mais jovens com os mais velhos vinculados as mesmas famílias e tradições. Para os haitianos, o conhecimento das suas origens é o que os torna verdadeiramente livres, independentes e autônomos. Os haitianos costumam se orgulhar de seu processo histórico e de indivíduos emblemáticos que remontam às origens da Revolução haitiana, como Toussaint L'Ouverture (1743-1803)⁸ e Jean-Jacques Dessalines (1758-1806)⁹.

⁷ Essa foi a única revolta de escravos bem-sucedida da História, e as dificuldades que tiveram de superar colocam em evidência a magnitude dos interesses envolvidos. A transformação dos escravos, que, mesmo as centenas, tremiam diante de um único homem branco, em um povo capaz de se organizar e derrotar as mais poderosas nações europeias daqueles tempos é um dos grandes épicos da luta revolucionária e uma verdadeira façanha. (JAMES, 2010, p. 15).

⁸ Toussaint tornou-se o oficial francês no comando de um exército de aproximadamente cinco mil homens, mantendo uma linha de campo ou posições fortificadas entre as províncias do norte e a ocidental e havia penetrado nesta última até a margem direita do Artibonite. (JAMES, 2010, p. 143).

⁹ Com Jacques Dessalines, no ano de 1804, o Haiti separa-se definitivamente dos franceses e é proclamada a sua independência. (NASCIMENTO, 2008, p. 127).

Ademais, para além dos heróis da Revolução, houve também grandes pensadores e intelectuais. Um deles foi Anténor Firmin (1850-1911), o antropólogo que escreveu a obra *De l'égalité des races humaines*, publicada em 1885, na qual defendeu a igualdade entre todas as raças, confrontando diretamente o racismo científico e o mito ariano do século XIX.

Outro intelectual haitiano muito importante, Jean-Price Mars (1876-1969), também antropólogo, foi médico, professor e diplomata. Suas obras foram inspiradas também no movimento *Négritude*, do qual Aimé Césaire foi um grande expoente. O Haiti também tem Michel-Rolph Trouillot (1949-2012), outro importante Antropólogo contemporâneo e ainda pouco estudado nas academias.

Todos esses pensadores, intelectuais e revolucionários entraram para a história do Haiti e fazem parte do imaginário haitiano. Eles são fonte de inspiração para muitos imigrantes que vieram para o Brasil na última década. Entre esses migrantes temos homens e mulheres, famílias haitianas em busca de uma vida próspera para si e para os seus. Os haitianos são pessoas que, mesmo diante das incertezas de uma nova fronteira, põem-se em mobilidade sozinhos ou com seus familiares.

Sayad (1988, p. 54) afirma que “o imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”. No entanto, para além de “uma força de trabalho”, o migrante é, acima de tudo, um ser humano em busca de uma vida que contemple uma vida digna, com acessos à saúde, segurança, moradia, emprego, educação, lazer, cultura e tudo que possibilite viver com dignidade e esperança. A história, o conjunto de nossos passados e expectativas de futuro, e tudo o que realmente faz a diferença em nossas vidas se faz enfrentando os desafios do presente.

A construção etnográfica

Conhecer esse processo histórico do Haiti, dialogar com essas pessoas, ouvir seus relatos, etnografar suas vidas e tentar desvendá-los, tudo isso é importante para a construção de políticas públicas que atendam as necessidades dessa população migrante. Com essa pesquisa propomos realizar, juntamente com os migrantes haitianos, a tarefa de ouvir, entrevistar, construir e etnografar registros que ponham em movimento a memória, a história e a vida dessas pessoas em Manaus. Para o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira:

Se aparentemente a entrevista tende a ser encarada como algo sem maiores dificuldades, salvo, naturalmente, a limitação linguística- i.e., o fraco domínio do idioma nativo pelo etnólogo -, ela tornar-se muito mais complexa quando consideramos que a maior dificuldade está na diferença entre "idiomas culturais", a saber, entre o mundo do pesquisador e o do nativo, esse mundo estranho no qual desejamos penetrar. (OLIVEIRA, 1996, p. 19).

Roberto Cardoso de Oliveira escreveu sobre as diferenças culturais entre pesquisadores ocidentais e etnias indígenas. No entanto, ao falarmos aqui de “limitação linguística” e “idiomas culturais”, falamos de conceitos que também se aplicam ao caso desta pesquisa com imigrantes haitianos. Eu não tenho o domínio das línguas crioulo, nem francês, portanto, essa é uma limitação linguística nessa pesquisa. Já as diferenças entre os “idiomas culturais” é algo que está o tempo todo atravessando esses contatos entre mim e os meus interlocutores.

Precisamos pensar que tipo de relação queremos estabelecer. A natureza dessa relação é que vai definir os rumos da pesquisa. Se quisermos ir por via de mão dupla como coloca Cardoso, precisamos estabelecer uma relação dialógica, onde na medida em que eu estou atenta para ouvi-los, também me abro para ser ouvida, numa interação recíproca, onde ambas as partes têm interesse em contribuir.

É quando ocorre essa interação dialógica que começamos a participar de fato de alguns momentos da vida dos interlocutores. Por exemplo, quando somos convidados por eles a irmos ao seu encontro e, de dentro de suas casas, estabelecemos um diálogo, junto com sua família e participamos de momentos celebrados por eles, percebemos detalhes que de outra forma não seriam perceptíveis.

As diferenças entre os idiomas continuam existindo, aliás, é aí que elas que começam a se mostrar mesmo, porque nem tudo será compartilhado. Isso não torna a interação menos rica, ao contrário, observando de dentro temos mais chances de entender e desmistificar alguns estigmas que recaem sobre essas pessoas. “Por conta do estigma, a sociedade (por meio de seus indivíduos) trata o estigmatizado de diversas formas discriminatórias, que reduzem significativamente suas chances de vida.”. (CAVALLEIRO, 2020, p. 24).

Na condição de migrantes, muitas vezes refugiados e em condições de vulnerabilidade social, a pobreza, por exemplo, é um dos estigmas que recaem sobre os

haitianos que vieram para o Brasil na grande migração de 2010. Mas será que essas pessoas já eram pobres no Haiti? Fato é que algumas delas possuíam capital econômico e tiveram condições financeiras mínimas de migrar, ainda que com dificuldades. Como apontam os pesquisadores Handerson Joseph e Cédric Audebert:

En realidad, las personas haitianas que migran, incluso de manera informal por barco, no suelen pertenecer a las capas más desfavorecidas de la sociedad haitiana. Las dinámicas migratorias se caracterizan por una fuerte heterogeneidad social, en términos de capital educativo y social, de posición socioeconómica, y de proyectos, como lo demuestran varios capítulos de la obra. (JOSEPH, H. AUDEBERT, 2022, p. 35)

Todavía, como afirma Bourdieu (2003, p. 165), “sob pena de se sentirem deslocados, os que penetram em um espaço devem cumprir as condições que ele exige tacitamente de seus ocupantes”. O que acontece com a maioria das pessoas que migram é a falta de políticas de acolhimento e oportunidades de empregos e renda, principalmente para aqueles que já tem formação. Sem políticas de acolhimento e expostos a vulnerabilidades, conseqüentemente eles vivenciam na pele o ódio ao estrangeiro e a sua cultura, sem contar que quando são negros e pobres essa situação se agrava ainda mais. Assim, como afirmam Glaucia Assis e Luís Felipe Magalhães:

Além de enfrentar as dificuldades de inserção no mercado de trabalho que lhes oferece baixos salários e trabalho duro, os imigrantes haitianos têm que lidar com os desafios da integração social, a falta de políticas públicas de acolhimento, o despreparo das autoridades estaduais e locais para recebê-los, e as situações de preconceito discriminação racial que enfrentam cotidianamente na rua, no ônibus, no trabalho. (Assis & Magalhães, 2016, p. 245-246).

E o que acontece quando crianças são expostas a essas situações de preconceito e discriminação racial? O que significa ser filho de imigrante nesse contexto de conflitos e violência? O pesquisador Antônio Braga, por exemplo, em seu texto “Ser Filho de Imigrante”, traz a seguinte proposição: “Sentir-se como pertencendo a dois mundos – ‘estar entre’, ‘in between’ – é algo experimentado por muitos jovens nos dias atuais”. (Braga, 2019, p. 380). Para os meus interlocutores essa sensação de estar entre lá e cá era algo muito experimentado por eles. Muitas das vezes essa sensação não era provocada diretamente porque eles desejavam estar entre esses dois países, mas sim por conta daquelas situações de preconceito e discriminação racial a que estavam expostos.

Os filhos e a construção das gerações

A discriminação racial e outras formas de violências com os filhos haitianos ocorriam principalmente no ambiente escolar. Esses alunos traziam consigo um capital cultural oriundo de famílias imigrantes haitianas. Essa diferenciação sutilmente os colocava num universo escolar que é complexo e cheio de arbitrariedades. Partindo da mesma origem social que os pais, os filhos eram inseridos na sociedade a partir desses estabelecimentos escolares hierarquizados, portanto, o acesso ao ensino escolar foi um ambiente que diferenciou os processos de sociabilidade entre os pais, os filhos imigrantes e os filhos que nasceram fora do Haiti. Segundo Bourdieu:

os filhos de imigrantes, na maioria dos casos abandonados a si mesmos já desde o primário, e obrigados a entregar suas escolhas à instituição escolar, ou ao acaso, para encontrar seu caminho, num universo cada vez mais complexo, e por isso votados a errar a hora e o lugar no investimento do seu reduzido capital cultural. (BOURDIEU, 2008, p. 485)

Frequentar a escola, por mais arbitrário e complexo que fosse esse ambiente, agregaria aos filhos um capital cultural que os pais não possuíam, por terem sido escolarizados em outros meios culturais. Isso nos leva a questionar se poderíamos colocar os pais, os filhos imigrantes e os filhos que não migraram apenas como primeira e segunda geração. Começamos a pensar então em como nomear a geração que crescia em Manaus e a geração que nascia em Manaus.

Buscando literatura sobre esse tema encontrei a pesquisadora Gabriela Camargo de Oliveira para quem: “A segunda geração são pessoas as quais os pais eram imigrantes, mas que nasceram ou foram substancialmente criadas no país receptor”. (2012, p. 19). A partir disso passamos a nos referir aos filhos que nasceram ou que foram substancialmente criados em Manaus como a segunda geração haitiana.

Segundo a mesma autora: “os estudos sobre a segunda geração de imigrantes são importantes, pois os efeitos de longo prazo da imigração numa sociedade seriam determinados mais pela segunda geração do que pela primeira”. (OLIVEIRA, 2012, p. 20). Por isso, neste trabalho propomos estudar essa geração de haitianos que está vivendo em Manaus.

Por fim, seguindo a linha de raciocínio da pesquisadora e adaptando ao meu campo, essa segunda geração seria, portanto, composta pelas crianças e adolescentes

que vieram do Haiti para o Brasil e crianças que nasceram no Brasil filhas de mãe e pai haitianos. Na família Antoine, Donn e seus primos fazem parte dessa segunda geração. Assim como vários outros jovens migrantes haitianos, eles cresceram fora do país dos seus pais e precisaram criar estratégias de sobrevivência para se adequar ao modo de viver no Brasil, mas sempre mesclando essas duas culturas. Por tudo isso que buscamos expor até aqui, o que pretendemos destacar é o valor antropológico e a relevância teórica da noção de geração como eixo analítico e interpretativo, a fim de pensar todas essas relações e modos de sociabilidade que dizem respeito aos processos migratórios.

Referências

ASSIS, G. O; MAGALHÃES, L. F. A. Migrantes indesejados? A “diáspora” haitiana no Brasil e os desafios à política migratória brasileira. Pág. 209-250. In SILVA, Sidney A. & ASSIS, Glaucia O. Em busca do Eldorado: O Brasil no contexto das Migrações nacionais e internacionais. Editora EDUA, 2016.

BAENINGER, Rosana. et al (orgs). Imigração haitiana no Brasil. Pág. 13-43. Jundiaí, Paco Editorial, 2016. In Migração transnacional: elementos teóricos para o debate.

BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta. Migração de crise: a migração para o Brasil. R. bras. Est. Pop., Belo Horizonte, v.34, n.1. Pág.119-143, jan./abr. 2017.

BOURDIEU, Pierre. A Miséria do mundo. Com contribuições de A. Accardo ... I et. ai. 17. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Págs. 09; 11; 481; 693; 733.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito, e discriminação na educação infantil. – 6^a.ed., 5^a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2020.

COUTO, K. Do Caribe para a Amazônia: a migração fomentando a conexão entre duas regiões. Pág. 153-180. In SILVA, Sidney A. & ASSIS, Glaucia O. Em busca do Eldorado: O Brasil no contexto das Migrações nacionais e internacionais. Editora EDUA, 2016.

DEMARTINI, Zélia; TRUZZI, Oswaldo. Orgs. Pesquisa Histórico-Sociológica, Relatos Orais e Imigração. In:Estudos Migratórios, p. 87-113. Universidade Federal de São Carlos, 2005.

Goffman, Erving. "Estigma: notas sobre a manipulação da identidade." *Tradução: Mathias Lambert* 4 (1988).

JOSEPH, HANDERSON. Revista, *Todavia*, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 8-17, jul/2022.

JOSEPH, H. AUDEBERT, C. El sistema migratorio haitiano en América del Sur: recientes desarrollos y nuevos planteamientos. In: El sistema migratorio haitiano en América del Sur: proyectos, movilidades y políticas. Buenos Aires: CLACSO, septiembre de 2022, p. 17-52.

MAMED, L. H. Haitianos no Brasil: a experiência da etnografia multisituada para a investigação de itinerários migratórios e laborais sul-sul. Pág. 66. In. MIGRAÇÕES Sul-Sul / Rosana Baeninger; Lúcia Machado Bógus; Júlia Bertino Moreira; Luís Renato Vedovato; Duval Fernandes; Marta Rovey de Souza; Cláudia Siqueira Baltar; Roberta Guimarães Peres; Tatiana Chang Waldman; Luís Felipe Aires Magalhães

(Organizadores.). – Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018 (2ª edição).

OLIVEIRA, G. C. de, 1982 – A segunda geração de latino-americanos na Região Metropolitana de São Paulo / Gabriela Camargo de Oliveira. – Campinas, SP: [s.n], 2012.

OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, 1996, V.39 Nº 1.

SAYAD A. A Imigração e os paradoxos da alteridade. 1998. São Paulo: EDUSP.

SILVA, A. S. Haitianos em Manaus Mercado de trabalho e exercício da cidadania. Pág. 183- 205. In SILVA, Sidney A. & ASSIS, Glaucia O. Em busca do Eldorado: O Brasil no contexto das Migrações nacionais e internacionais. Editora EDUA, 2016.

_____. Fronteira Amazônica: passagem obrigatória para haitianos? In REMHU – Revista Interdiscip. Mobil., Brasília, Ano XXIII, n.44. Pág. 119-134, jan./jun.2015.

_____. Haitianos no Brasil – meandros de desafios de um processo de inserção sociocultural. Pág. 459 – 476. In A NOVA FACE DA EMIGRAÇÃO INTERNACIONAL NO BRASIL / orgs. Lucia Bógus, Rosana Baeninger. – São Paulo: EDUC, 2018. 1.